

***As Melhores Coisas do Mundo, de Lais Bodanski, e a Representação do Desaparecimento da Fronteira entre Público e Privado no Ambiente Escolar.***<sup>1</sup>

Jose Zeferino GARCIA<sup>2</sup>  
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, S.P

**Resumo**

É parte integrante do ato de viver em sociedade ter diferentes comportamentos, papéis e até rituais nos espaços público e privado. Porém, estes espaços e estas dinâmicas não são imutáveis. O objetivo desse artigo é observar e analisar as consequências do rompimento das fronteiras que costumavam separar a vida pública da vida privada no ambiente escolar conforme representado no filme de Lais Bodanski, *As melhores coisas do mundo* (2010). Na película é possível acompanhar a construção de novas dinâmicas nas relações do dia-dia entre os estudantes no ambiente escolar..

**Palavras-chave:** Educação; Comunicação; Tecnologia; Público e Privado

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Comunicação da ANHEMBI MORUMBI. Orientação: Gelson Santana. Email: [jose\\_z\\_garcia@hotmail.com](mailto:jose_z_garcia@hotmail.com)

## **Introdução**

O filme as *Melhores coisas do mundo* é uma adaptação da série literária *Mano:Cidadão-Aprendiz*, escrita pelo escritor e jornalista Gilberto Dimenstein e pela educadora e escritora infantil Heloisa Pietro. A direção da versão cinematográfica ficou a cargo de Laís Bodanzky, diretora do filme *Bicho de Sete Cabeças*, de 2001, filme que rendeu vários prêmios de direção em escala nacional, e também de *Chega de Saudade*, de 2008, premiado no Festival de Brasília. Enquanto o livro tinha como foco principal trabalhar a questão da ética e da cidadania, sempre com um olhar bastante leve e voltado mais a um público pré-adolescente, no filme a questão do crescimento e da maturidade ganham um peso maior, assim como a presença massiva das tecnologias.

Assim como na coleção literária, a película de Bodanski narra a história de Mano, um adolescente de 15 anos que está passando por conflitos comuns a qualquer adolescente em processo de crescimento. Entre eles, a expectativa da primeira namorada, a primeira relação sexual, as decepções amorosas, a tentativa de ser aceito por um grupo social e, no caso do filme, principalmente a separação de seus pais. Mas a diferença é que aqui esses conflitos são quase sempre intermediados, discutidos ou mesmo iniciados a partir do uso das tecnologias da informação.

As sociabilidades representadas no filme vêm marcadas por diversas transformações tecnológicas e novidades comunicacionais. Essas novas interações entre os jovens acontecem na internet, principalmente nas redes sociais, e se dão através da criação de perfis pessoais com fotos, vídeos e listas de interesses pessoais, da troca de mensagens privadas e públicas entre os usuários e da publicação de opinião sobre basicamente qualquer assunto.

Sendo assim, a escola, como espaço público e heterogêneo, é radicalmente alterada pelo efeito de uma narrativa na qual a intimidade é hipervalorizada. O objetivo desse artigo é, portanto, observar e analisar as consequências do rompimento das fronteiras que costumavam separar a vida pública da vida privada no ambiente escolar conforme representado no filme de Bodanski

## 1. Público e privado

No livro *O declínio do homem Público* (1974), Richard Sennett explica como a estrutura da comunidade durante o período do Iluminismo do século 18 oferecia condições favoráveis para os cidadãos a interagirem uns com os outros. Segundo o autor este equilíbrio acaba no início do século 19, onde a sociedade industrial e a emergência do capitalismo industrial modificaram completamente as relações. De acordo com Sennett o novo quadro econômico e político ajudaram a dar forma a novos conceitos de cidadania em que as pessoas começaram a valorizar o privado (relações familiares) mais do que os assuntos públicos, pelo menos a partir de um ponto de vista moral.

O foco de Sennett em seu livro era o ambiente urbano, e ele definia a cidade contemporânea como um “assentamento humano”, onde não há mais a possibilidade de convívio com o “outro”, que na verdade virou um estranho e uma ameaça. E a escola observada em *As melhores coisas do mundo*, como um espaço público e heterogêneo por natureza, também foi radicalmente alterado com essa hiper valorização da intimidade, ainda que mantenha a mesma estrutura secular. A sala de aula representada no filme, por exemplo, apresenta a estrutura clássica de sempre, com carteiras, lousa e basicamente a mesma disposição física. Porém, é interessante observar como a comunicação entre esses alunos, que antes era basicamente feita através de bilhetes e gestos, agora é feita por mensagens de celular.

### 1.1 A ideologia da intimidade

O principal dilema do protagonista Mano ao longo de *As melhores coisas do mundo* não é apenas lidar com o desmoronamento da sua estrutura familiar, mas é, principalmente, lidar com o desmoronamento da sua imagem pública. Depois do divórcio dos pais, e ao descobrir que seu pai está deixando a família pra ficar com um outro homem, a imagem de “família perfeita” construída pelo próprio Mano termina, e sua primeira reação é se perguntar “O que vão pensar na escola???”. Essa representação do homem público, como alguém que tem que expor publicamente questões de sua intimidade, faz parte do que Sennett chama de “ideologia da intimidade”. Para o autor existe a ideia na sociedade contemporânea de que quanto maior o acesso a intimidade, mais próximo se está do autêntico indivíduo, e de que, conseqüentemente, a proximidade entre as pessoas é um bem moral.

As pessoas somente podem ser sociáveis quando dispõe de alguma proteção mútua; sem barreiras, sem limites, sem a distância mútua que constitui a essência da impessoalidade, as pessoas são destrutivas, não porque a natureza do homem seja malévola [...] mas por que o efeito último da cultura gerada pelo capitalismo e pelo secularismo modernos torna lógico o fratricídio, quando as pessoas utilizam as relações intimistas como bases para as relações sociais.

(SENNETT, 1988, p.379)

Como se não bastassem os conflitos com a imagem pública de sua família, Mano também tem que lidar com um escândalo em que se envolve a personagem de Valéria, sua primeira namorada, que tem uma foto nua espalhada por todos os celulares dos alunos. Aqui, mais uma vez, o ambiente escolar se torna um espaço para a devastação da vida particular do outro, mas com uma característica nova, o uso massivo da tecnologia móvel e o cyberbullyng. Neste ambiente ganha destaque a blogueira sensacionalista da escola Dri Moraes, que está sempre buscando expor a intimidade de seus colegas.

Em seu livro, Sennett alertava para o papel dos meios de comunicação no esvaziamento da esfera pública idealista, mas ainda não podia prever o aparecimento da internet e o surgimento desse novo tipo de sociabilidade: a sociabilidade virtual. Porém, Sennett já afirmava, entre outras coisas, que o aparecimento do rádio e, principalmente, da televisão, no começo do século passado, distanciava ainda mais as pessoas da esfera pública e as relegava a espectadores de si mesmo.

Mais de 30 anos depois, e com a revolução digital já consumada, o autor Andrew Keen afirma, no livro *A vertigem social* (2012), que as fronteiras entre público e privado já não existem mais, e que nesta nova sociedade contemporânea tudo está “transparente”. Keen coloca que o ambiente digital representa uma espécie de confessionário público de massa global, onde o usuário exhibe seus pensamentos mais íntimos, seus gostos particulares, suas ações, sua localização e compartilha tudo em um espaço aberto para todos.

Como observado no filme de Bodansky, essas interações nas redes sociais se dão através da criação de perfis pessoais com fotos, vídeos e listas de interesses pessoais, da troca de mensagens privadas e públicas entre os estudantes e da publicação de opinião sobre qualquer assunto. Porém, esse ambiente de acesso constante a informação parece não resultar em uma sociedade mais compreensiva e sensível ao diferente. No filme, além de

Valéria, o personagem de Pedro (Fiuk) também é publicamente humilhado e exposto por seus colegas de escola, que não aceitam sua postura e sensibilidade feminina.

Embora a rede tenha permitido novas formas de ação coletiva, também favoreceu novos tipos de estupidez coletiva. O pensamento de grupo é mais disseminado hoje, enquanto lidamos com o excesso de informação disponível e terceirizamos nossas crenças para celebridades, sabichões e amigos do Facebook. Em vez de pensar por conta própria, simplesmente citamos o que já foi citado.

(KEEN, 2011, p.60)

Keen coloca ainda que essa ideia de conexão promovida pela mídia social “é mais uma arquitetura de isolamento humano que de comunhão”. Para Keen, apesar de estarmos todos conectados na internet, acabamos por nos esconder um dos outros. O indivíduo passa a preferir a tecnologia às relações reais, uma vez que lá é possível ter a vida editada, podendo relacionar com quem quiser. Em cima disso ele discute o conceito de hiper visibilidade, desenvolvido por autores como Jean Baudrillard e Umberto Eco, e conclui que “nesse mundo todo transparente, estamos ao mesmo tempo em toda a parte e em parte alguma, a irrealidade absoluta é a presença real”.

Apesar de também ser consequência da nossa necessidade humana de comunicação, a intimidade que é divulgada nos blogs e nas redes sociais dos personagens de *As melhores coisas do mundo* não é a mesma que aquela presente nas cartas e diários íntimos do período pré-internet. Naqueles casos a complexidade e beleza estavam naquilo que ficava oculto e que não podia ser revelado, enquanto na vida desses jovens tudo é exibido nos mais íntimos detalhes. Em *A modernidade líquida* (2001), Bauman fala sobre o sentido fluido e leve em que se dão as relações nessa modernidade tardia, em oposição as relações mais sólidas e pesadas de antes. Ele chama esse novo momento de modernidade líquida e caracteriza essa sociedade pela atenuação dos sentimentos mais profundos, trocados por afetos passageiros e pela superficialidade dos vínculos.

No filme, enquanto Pedro parece não se encaixar nessa sociedade líquida, as relações de Mano com seu grupo de convívio social podem ser resumidas ao que “se tem a ganhar com ela”. Todos os personagens com quem Mano convive parecem ter uma função específica em sua vida, seja ela uma simples satisfação sexual, um novo status, uma nova habilidade, etc. Não se leva em consideração o sentimento ou as consequências de um determinado ato, o que importa é a satisfação que um eventual laço momentâneo possa proporcionar. Uma vez satisfeita essa necessidade, desfaz-se o laço.

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro

(BAUMAN, 2000, p.12)

Dentro desse contexto, a relação desse aluno com a escola e o professor também é absolutamente fluida, superficial e distanciada. Mano estuda em uma escola particular de classe média, onde a maioria dos alunos enxergam os professores como um inimigo a se vencer e, com exceção do professor de biologia Arthur, não existem vínculos entre aluno e professor. Além disso, com a globalização e o fim da distância, o professor também perde seu status de detentor do conhecimento. Enquanto isso, a escola mostrada no filme se apresenta como a mesma instituição de estrutura secular e não parece estar preparada para orientar os indivíduos que terão de conviver na modernidade líquida contemporânea.

## **2. Bulling, cyberbulling e o espetáculo da vida cotidiana**

Em determinado momento do filme, Mano afirma que sua escola “é um Big Brother do mal, uma bolha sem ar”. A comparação é perfeita já que, em uma sociedade pautada pelo espetáculo, esses jovens estudantes não são mais sujeitos de seus atos e de suas vidas, mas sim espectadores passivos de ações alheias. Como afirma Guy Debord, em “A sociedade do espetáculo”, essa cultura do espetáculo leva o mundo a reproduzir representações sobre ele mesmo, e a fronteira entre o real e o imaginário deixa de existir, afinal, tudo é imagem. Sendo assim a nossa vida cotidiana, naquilo que tem de mais comum e ordinária, vira um espetáculo, onde o grande atrativo não é apenas olhar para o outro, como também, o olhar do outro para a intimidade de nossas vidas medíocres.

Segundo Debord o fim das fronteiras entre público e privado na sociedade contemporânea é uma consequência de vivermos em uma sociedade cada vez mais regulada pelo espetáculo, e não mais pela política ou pela religião. Nesse meio social, em que qualquer um pode (e deve) fazer parte da mídia, a fama e a visibilidade tornam-se os motores das relações. As nossas experiências só se completam se forem registradas e compartilhadas com o maior número de pessoas possível, e o exibicionismo produz mais

efeitos sobre nossos laços sociais do que a participação efetiva das pessoas na sociedade. Pedro, por exemplo, é um jovem que se esconde completamente da vida social, porém não tem pudores de exibir dilemas íntimos em seu blog online e, até mesmo, tornar pública pela rede sua carta de suicídio. Essa exteriorização de si é a principal característica dessa sociedade, e o sujeito passa a só existir quando consegue ser notado.

O filósofo norte-americano Douglas Kellner argumenta que nas últimas décadas, a indústria cultural, com ajuda das tecnologias da informação, tornou possível a multiplicação dos espetáculos em novos espaços de mídia. Ou seja, o espetáculo e o entretenimento tornaram-se parte integrante da vida em sociedade, do sistema econômico, da política, e, é claro, da nossa vida cotidiana.

À medida que avançamos no novo milênio, a mídia se torna tecnologicamente mais exuberante e está assumindo um papel cada vez maior na vida cotidiana. Sob a influência da cultura multimídia, os espetáculos sedutores fascinam os habitantes da sociedade de consumo e os envolvem no mundo do entretenimento, da informação e do consumo, influenciando profundamente o pensamento e a ação.

(KELLNER, 2001, p.122)

Inseridos em uma sociedade fragmentada e sendo constantemente bombardeados por informações e significados, fica impossível para o indivíduo criar seus próprios conceitos de vida e identidade. No filme, tanto Mano quanto Pedro exibem em seus quartos posters de bandas, cartazes ecológicos, murais de fotos e mensagens, etc. Tudo isso serve para criar um universo com o qual eles possam se relacionar, criar uma imagem a ser vendida pra eles mesmo e para a sociedade. Ou seja, a música, a roupa ou os objetos são uma fonte de identificação pra esses personagens, e não representações de identidade. Essa lógica funciona como no ambiente online, onde os indivíduos criam perfis para redes sociais, comunidades, redes de contato etc.

O ambiente do quarto de Mano no filme chama atenção, por exemplo, pelo aparato tecnológico que Mano, um jovem urbano de classe média, tem acesso: computador, televisão, equalizador, caixas de som potentes, guitarra, entre outras coisas. Esse quarto contemporâneo é um ambiente “individualizado-socializado”, já que o indivíduo não está isolado do mundo, mas em constante contato social através da internet. No filme as experiências de sexualidade de Mano, dentro de seu quarto, também são mediadas pelas imagens audiovisuais e pela internet. O quarto aqui não é representado mais como um espaço para introspecção interna, mas sim de constante interação com o mundo exterior.

Kellner coloca ainda que a cultura midiática também é responsável pelo conteúdo com o qual os indivíduos formam suas noções de classe, de raça, de nacionalidade e de sexualidade. Segundo o autor são os símbolos e as narrativas fornecidos pela mídias que constroem uma cultura de consumo comum a todos, que são levados a se identificar com as ideologias e as representações políticas ou sociais dominantes.



Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente.

(KELLNER, 2001, p.09).

## Conclusão

Para concluir acho interessante observar àquela que é uma das figuras mais emblemáticas do filme de Bodanski, a blogueira Dri Moraes, que interpreta o que seria uma “jornalista sensacionalista” da escola. Dri Moraes divulga sem pensar duas vezes notícias expondo a vida íntima dos alunos e transforma tudo que acontece na escola em um espetáculo do cotidiano. Ela representa uma figura que sempre existiu no ambiente de convívio social, o da fofoqueira, porém com a diferença que aqui não há uma interação física nas suas relações. Não há mais a necessidade do toque ou da conversa, já que ela pode fazer uso das ferramentas tecnológicas para falar e julgar a vida de qualquer um.

É interessante observar que Dri Moraes, embora vista de maneira negativa pelos colegas, representa a materialização da superficialidade e da banalização já presente na relação do dia-dia desses alunos. Apesar de se julgarem diferentes, os outros personagens do filme fazem parte do mesmo circo da sociedade do espetáculo. Parece um paradoxo, mas



essa cultura do espetáculo leva o mundo a reproduzir representações sobre ele mesmo, e as fronteiras entre o real e o imaginário e entre o público e o privado deixam de existir, afinal, tudo é imagem.

E *As melhores coisas do mundo* também funciona como um exemplo de convergência entre mídias e exploração das ferramentas midiáticas de entretenimento. Afinal, quando estreou nos cinemas em 2010, o filme de Laís Bodanzky teve um conteúdo exclusivo adaptado e lançado em diversas plataformas de interação, como Facebook, Orkut, Twitter, etc. Além disso, os blogs dos personagens no filme, também existem na internet e funcionam uma extensão da “experiência” cinematográfica.

- Blog da personagem Dri Novais.



- Girassóis no Escuro, blog de poesias do personagem Pedro.



## Referencias Bibliográficas

- ARAÚJO, L. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. 2a ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- BAUDRILLARD, J. **A precessão dos simulacros**. In: Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio D'Água, 1991, pp. 7-57.
- \_\_\_\_\_. **Simulacros e ficção científica**. In: Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio D'Água, 1991, pp. 151-158.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BARBERO, J. M. **A Comunicação na Educação**. Contexto, 2014.
- BEJAR, H. **El ámbito Intimo: Privacidad, individualismo, modernidad**. Madrid: Alianza, 1988.
- BELI, D. **Las contradicciones culturales del capitalismo**. Madrid: Alianza, 1976.
- BENJAMIN, W. **Pequena história da fotografia**. In: Obras escolhidas vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 91-107.
- \_\_\_\_\_. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.
- BODANSKY, L. **Coleção Aplauso Cinema Brasil: As Melhores Coisas do Mundo**. Imprensa Oficial.
- BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia das letras, 1995.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUBAR, C. **A crise das identidades - a interpretação de uma mutação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.
- HALL, S. **Notas sobre a desconstrução do 'popular'**. In: Da diáspora – identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006, pp. 231-247.
- \_\_\_\_\_. **Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo :Aleph, 2008 (Edição em português).
- KELLNER, D. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Cultura da mídia e triunfo do espetáculo**. In: MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 119-147
- KEEN, A. **The cult of the amateur: how today's internet is killing our culture**. New York: Doubleday/Currency, 2007.

- LÉVY, P. **O que é a virtualização**. In: O que é o virtual? São Paulo: 34, 1996, pp. 15-25.
- LYOTARD, J. F. **O inumano** – considerações sobre o tempo. 2a ed. Lisboa: Estampa, 1997.
- LIPOVETSKY, G. & SERROY, J. **A cultura-mundo** – resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MARCUSE, H. **A Ideologia da Sociedade Industrial**: O homem unidimensional. 4ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2000.
- PERROT, M. **A história dos quartos**. Editora paz e terra, 2011.
- SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo, Companhia das Letras. 1988.
- VIRILIO, P. **Motores da história**. In: REIS DE ARÚJO, Hermetes (org.).  
**Tecnociência e cultura** – ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação
- \_\_\_\_\_. **O resto do tempo**. In: Famecos, no. 10, junho de 1999, pp. 57-60.